



Mapeando saberes: geotecnologias aplicadas a autogestão territorial por meio de processos de ensino e aprendizagem no Semiárido – Ano II

Maria Vitória Avelino Vieira¹, Marques Henrique de Sousa², Mara Edilara Batista de Oliveira³,

mara.edilara@professor.ufcg.edu.br

Resumo: A segunda vigência do projeto de extensão no Assentamento Padre Cleides teve como objetivo mobilizar e coordenar espaços de aprendizagem com o intuito de fortalecer a autonomia territorial e a soberania alimentar da comunidade. As ações foram estruturadas a partir da articulação entre saberes tradicionais e geotecnologias, promovendo rodas de conversa e estratégias para a ativação e gestão participativa do banco de sementes *crioulas*. Como resultado, o projeto contribuiu para a valorização da agrobiodiversidade local, a ampliação das práticas agroecológicas e o engajamento comunitário na produção sustentável.

Palavras-chave: Sementes Crioulas, Agroecologia, Soberania Alimentar, Desenvolvimento Sustentável.

1. Introdução

Nesta segunda vigência do projeto de extensão, continuamos atendendo as demandas da comunidade do Assentamento Padre Cleides, localizado no município de Santa Helena-PB, no qual possui uma área de aproximadamente 1.030ha e um contingente de 16 famílias assentadas nesse território, que hoje vivem principalmente da agricultura familiar e buscam projetos que possam estimular práticas de autogestão e fortalecimento da autonomia territorial da comunidade, reduzindo a pobreza e possibilitando segurança alimentar para esses povos. Deste modo, partimos das práticas e saberes mapeados na edição anterior, que proporcionaram uma grande compreensão das dinâmicas territoriais e culturais existentes na comunidade do Assentamento Pe. Cleides.

Dentre os saberes mapeados pelo grupo no ano de 2023, por meio da Cartografia Social, percebemos a demanda da comunidade em torno do fortalecimento da autonomia territorial por meio do uso das terras de plantio, e do estímulo de discussões e ações em torno de uma produção agroecológica, saber esse nato à comunidade. Tendo como base essa demanda, ampliamos nosso olhar para questões fundamentais relacionadas às sementes crioulas, produção orgânica e agroecologia, através de momentos de diálogo e troca de saberes com a comunidade. Reconhecemos nessas práticas não apenas uma estratégia de resistência e sustentabilidade, mas também uma oportunidade para fortalecer a autonomia comunitária e fomentar a soberania alimentar.

Diante desse entendimento, decidimos direcionar nossos esforços para o incentivo e estímulo à ativação e manutenção do banco de sementes do Assentamento Padre Cleides, em construção (Figura 1), compreendendo seu potencial tanto para o assentamento quanto para o grupo de pesquisa. Tivemos como objetivo geral mobilizar e coordenar espaços de aprendizagens com uso de geotecnologias na busca do fortalecimento e autonomia territorial da comunidade do Assentamento.



Figura 1 – Banco de Sementes do Assentamento Padre Cleides.

Nessa etapa, contamos com o apoio da Comissão Pastoral da Terra – Sertão PB (CPT - Sertão), que auxiliou na organização e coordenação logística dos encontros presenciais, além de contribuir para a promoção dos diálogos entre os diferentes atores envolvidos no projeto.

Essa iniciativa não só promove a preservação e valorização das sementes crioulas, mas também estimula processos coletivos de troca de saberes e experiências, fortalecendo laços comunitários e permitindo a construção conjunta de novos conhecimentos em torno da agroecologia e de uma gestão territorial sustentável. O banco de sementes do Assentamento Padre Cleides se apresenta, assim, como um eixo central desta nova etapa, simbolizando a germinação de ideias e práticas transformadoras, tanto para a comunidade quanto para a universidade.

2. Metodologia

Com o intuito de alcançar o objetivo principal do projeto, a metodologia adotada buscou promover a participação ativa dos sujeitos envolvidos em todas as etapas das atividades, buscando aliar conhecimentos tradicionais com pesquisas e práticas acadêmicas. Destacamos a realização de reuniões online e presenciais para identificar as práticas já existentes em torno do manejo de sementes crioulas e estimular o uso do banco de sementes. Com base nessas discussões, direcionamos atividades que fomentaram o resgate dessa prática fundamental para a preservação da biodiversidade local e para a soberania alimentar da comunidade.

As etapas metodológicas foram organizadas conforme descrito a seguir: **A. Diagnóstico Inicial Participativo:** com reuniões online e presenciais para mapear práticas e saberes relacionados ao manejo de sementes crioulas, compreendendo o histórico do banco de sementes; mais levantamento quantitativo de produção e identificação das práticas de plantio e manejo da terra.

B. Oficinas Formativas: Oficina 01: Debate sobre sementes crioulas e alimentos transgênicos, com foco nos riscos das sementes geneticamente modificadas para a biodiversidade local (Figura 2 e 3). Oficina 02: Benefícios do planejamento livre de agrotóxicos e alternativas agroecológicas. Oficina 03: Valorização da diversidade de sementes no semiárido nordestino, com atividades específicas para mulheres e crianças (Figura 4 e 5).



Figura 2 – Oficina 1: Dialogo sobre diferenças existentes entre as semente crioulas e as sementes Geneticamente modificadas.



¹. Estudante de Graduação, UFCG-CFP, Campus Cajazeiras, PB, Brasil.

². Estudante de Graduação, UFCG-CFP, Campus Cajazeiras, PB, Brasil.

³. Orientadora e Coordenadora, <Professora>, UFCG-CFP, Campus Cajazeiras, PB, Brasil.



Figura 3 – Oficina 02: Dialogo sobre o planejamento livre de agrotóxicos e alternativas agroecológicas.



Figura 4 – Oficina 03: Valorização da diversidade de sementes no semiárido nordestino, atividade voltada para mulheres e crianças.



Figura 5 – Oficina 03: Valorização da diversidade de sementes no semiárido nordestino, atividade voltada para mulheres e crianças

C. Construção Coletiva de Soluções:

1. Elaboração participativa de estratégias para a gestão do banco de sementes crioulas; 2. Planejamento comunitário para a reativação do banco, envolveu a coleta e documentação de sementes e a definição de estratégias de armazenamento e gestão participativa.

D. Troca de Saberes e Reflexões: 1. Rodas de conversa para reflexão sobre a experiência e análise dos desafios e potencialidades do banco de sementes.



Figura 6 – Roda de Conversa a experiência e análise dos desafios e potencialidades do banco de sementes

Essa metodologia possibilitou um processo contínuo de reorganização territorial, em que os sujeitos da comunidade assumiram o protagonismo na construção de alternativas sustentáveis para sua permanência na terra, fortalecendo a autonomia e a capacidade de gestão coletiva de seus recursos naturais.

3. Resultados e Discussões

Buscamos aprofundar nossas atividades considerando a terra como um espaço dinâmico, produzido socialmente e em constante ressignificação, conforme a perspectiva de Milton Santos (1980)[1]. Entendemos o território do Assentamento Padre Cleides não apenas como um local de produção agrícola, mas também como um “Território de Esperança” (Moreira, 2007)[2], onde práticas agroecológicas podem consolidar formas de resistência e autonomia comunitária.

Como exemplo disso, durante o mapeamento dos saberes da comunidade do Assentamento Padre Cleides, por meio da Cartografia Social, identificamos que desde o acampamento das terras, já existia a prática de armazenamento e troca das sementes crioulas entre os acampados e posteriormente assentados. Inclusive, essa é uma prática comum nas comunidades rurais do Nordeste como pode ser visto em Moreira (2007)[2]. Nesse sentido, o debate sobre um modelo de desenvolvimento rural sustentável e baseado no respeito aos conhecimentos tradicionais, tem nas sementes crioulas um de seus principais pilares.

Conforme aponta Reis (2012)[3], elas representam um elemento essencial para garantir a resiliência dos sistemas agrícolas e fortalecer a agroecologia. Além de serem adaptadas às realidades locais, essas sementes estão profundamente ligadas aos saberes tradicionais dos camponeses, contribuindo para a autonomia das comunidades rurais e para a construção de práticas agrícolas sustentáveis. Assim, a agroecologia se apresenta como “uma base científica e técnica para qualificar os sistemas camponeses de produção, eliminar o uso de agrotóxicos, superar as cadeias produtivas, construir a soberania alimentar, proporcionar autonomia das famílias camponesas e fazer enfrentamento ao agronegócio” (MPA, 2012, p.16 apud Amorim, 2016, p.86) [4].

Em campo, nos relatou a comunidade que ao receberem os recursos financeiros do INCRA, por volta de 2012, ficou decidido junto a Associação do Assentamento que seria construído um espaço para armazenamento e troca das sementes crioulas na comunidade. Entretanto, um espaço físico especificamente para o banco de sementes só foi construído entre os anos de 2023 e 2024 com a proposta de ampliar o estímulo de armazenamento e a troca de sementes crioulas entre os assentados, mas com pouco incentivo financeiro e sem estudos sobre as condições de armazenamento das sementes nesse espaço, por isso poucas famílias levaram suas sementes para armazenamento no local.

Dessa forma, as nossas ações de fortalecimento e autonomia territorial dos saberes mapeados na comunidade durante esse segundo ano de atuação do grupo se tornaram essenciais para o estímulo do uso das terras de plantio, tendo como ponto de partida o uso do banco de sementes, e toda uma troca de saberes em torno da produção agroecológica, e portanto, das sementes crioulas.

4. Resultados e Discussões

Ao longo da execução do projeto, desenvolvemos junto com a comunidade e por intermédio da CPT-Sertão, diversas ações promovidas para o fortalecimento da autonomia territorial e da soberania alimentar do Assentamento, onde um dos principais resultados foi a realização de encontros formativos com os moradores, abordando temas como agroecologia, sementes crioulas e práticas sustentáveis de manejo. Esses momentos de aprendizado e troca de experiências possibilitaram um aprofundamento de conhecimentos locais, valorizando os saberes tradicionais e promovendo a reflexão sobre estratégias de autogestão e produção sustentável no semiárido nordestino.

Paralelamente, realizamos um diagnóstico das condições físicas do banco de sementes da comunidade (Figura 7), identificando desafios estruturais e organizacionais para sua ativação. Por meio dessa análise, nos empenhamos em promover diálogos e buscar soluções que pudessem fomentar a gestão participativa do banco de sementes crioulas, envolvendo os moradores em todas as etapas do processo, desde a análise para organização do espaço até a definição de estratégias de manutenção e distribuição das sementes. Esse processo fortaleceu o engajamento da comunidade, promovendo um senso de pertencimento e responsabilidade coletiva.

1. Estudante de Graduação, UFCG-CFP, Campus Cajazeiras, PB. Brasil.

2. Estudante de Graduação, UFCG-CFP, Campus Cajazeiras, PB. Brasil.

3. Orientadora e Coordenadora, <Professora>, UFCG-CFP, Campus Cajazeiras, PB. Brasil.



Figura 7 – Verificação e Avaliação da infraestrutura do Banco de Sementes.

Outra atividade importante foi a sistematização das informações sobre as sementes crioulas e as práticas agroecológicas presentes no assentamento. Para isso, elaboramos etiquetas descritivas, detalhando a espécie, variedade, safra e guardião da semente, características essas indispensáveis no momento da realização do armazenamento, para preservar a qualidade da germinação das sementes e evitar a deterioração devido ao período de armazenamento após o cultivo delas. Além disso, realizamos um trabalho de campo junto à comunidade para conhecer parte das sementes que são armazenadas nas casas de cada família e compreender como é feita a coleta e preservação desse patrimônio genético e cultural.

5. Conclusões

As ações desenvolvidas ao longo do projeto consolidaram importantes avanços para a autonomia agroecológica da comunidade do Assentamento Padre Cleides, promovendo a valorização das sementes crioulas e fortalecendo práticas sustentáveis de cultivo. A valorização do banco de sementes e a troca de saberes entre os participantes realiza um ambiente favorável para a continuidade das iniciativas agroecológicas, contribuindo para a segurança alimentar e a resiliência da comunidade.

Os impactos sociais do projeto estão diretamente alinhados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030. No âmbito do ODS 2. Fome Zero e Agricultura Sustentável, as atividades realizadas possibilitaram debates sobre a importância das sementes crioulas e os riscos dos alimentos transgênicos e da manutenção de técnicas agrícolas que geram dependência de insumos químicos, garantindo uma produção mais limpa e acessível. No que se refere ao ODS 10. Redução das Desigualdades, o projeto incentiva o protagonismo de mulheres e crianças na identificação e manejo de sementes, fortalecendo a equidade na construção do conhecimento agroecológico.

A criação e gestão participativa do banco de sementes trouxeram impactos diretos para o ODS 11. Cidades e Comunidades Sustentáveis, ao fomentar um modelo de organização comunitária que fortalece a sustentabilidade e a resiliência dos agricultores familiares. Além disso, o projeto contribuiu para o ODS 12. Consumo e Produção Responsável, ao estimular práticas agrícolas sustentáveis que promovam a preservação dos recursos naturais e evitem a utilização de agrotóxicos.

Outro aspecto relevante foi o fortalecimento das parcerias institucionais, promovendo uma aproximação estratégica entre a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), a Comissão Pastoral da Terra (CPT-Sertão) e a comunidade do Assentamento Padre Cleides. Esse vínculo fortalece a ampliação da relação entre a universidade e a comunidade externa, promovendo a construção coletiva de soluções e criando bases para a implementação de políticas públicas voltadas para a agroecologia e para a segurança alimentar. Dessa forma, o projeto reforça o ODS 17. Parcerias e Meios de Implementação, ao articular diferentes atores sociais em prol do desenvolvimento sustentável da região.

Portanto, partindo dessas ações, o projeto não apenas atendeu às demandas da comunidade, mas também consolidou um modelo de intervenção que pode ser replicado em

outros territórios, ampliando o impacto das práticas agroecológicas e fortalecendo políticas públicas voltadas à sustentabilidade e à soberania alimentar.

6. Referências

- [1] SANTOS, Milton. Por uma geografia nova. São Paulo: HUCITEC, 1980.
- [2] MOREIRA, E. e TARGINO, I. De território de Exploração a Território de Esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano. In: Revista do NERA Nº. 10, Presidente Prudente, janeiro – julho de 2007. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1424>. Acesso em: 21 set. 2024.
- [3] REIS, M. R. Tecnologia social da produção de sementes e agrobiodiversidade. 2012. 288 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável). Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2012. Disponível em: https://orgprints.org/id/eprint/21846/1/Reis_Tecnologia%20social.pdf. Acesso em: 18 nov. 2024.
- [4] AMORIM, Lucas Oliveira do. Plantando semente crioula, colhendo agroecologia: agrobiodiversidade e campesinato no Alto Sertão sergipano. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17849>. Acesso em: 15 agos. 2024.

Agradecimentos

Agradecemos à Comissão Pastoral da Terra – CPT Sertão, em especial a Dona Socorro, pelo suporte essencial, garantindo o transporte e deslocamento necessários para a realização do trabalho de campo. Nosso reconhecimento se estende a toda a comunidade do Assentamento Padre Cleides, pelo acolhimento, engajamento e contribuição ativa nas atividades, tornando possível a construção coletiva do conhecimento e o fortalecimento das práticas agroecológicas.

Agradecemos também à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) pela concessão de bolsas por meio da Chamada PROPEX 003/2023 – PROBEX/UFCG.

¹. Estudante de Graduação, UFCG-CFP, Campus Cajazeiras, PB, Brasil.

². Estudante de Graduação, UFCG-CFP, Campus Cajazeiras, PB, Brasil.

³. Orientadora e Coordenadora, <Professora>, UFCG-CFP, Campus Cajazeiras, PB, Brasil.